

Decepção com a política

Jefferson Péres morreu decepcionado com a política e seus sucessivos escândalos de corrupção. O senador, que tinha a ética como uma de suas principais bandeiras, já havia anunciado que não mais se candidataria. Apenas pretendia exercer até o fim, em 2011, seu atual mandato.

Franco, duro, exigente, probo e profundamente ético eram os adjetivos mais usados, até mesmo por seus opositores, para referir-se a Péres. Formado em Direito e Administração, ingressou na carreira política em 1988, quando foi eleito, pela primeira vez, vereador em Manaus. Quatro anos depois foi reeleito e em 1995 estreou no Senado. Atualmente, era líder do PDT, partido do qual é integrante desde 1999, na Casa.

Profundo conhecedor das leis, Jefferson era integrante de uma das mais prestigiadas comissões do Senado, a Comissão de Constituição e Justiça e do Conselho de Ética.

Neste colegiado, se destacou ao relatar o processo de cassação do ex-senador Luiz Estevão. No ano passado, comprou briga com o então presidente da Casa, Renan Calheiros (PMDB-AL). Foi um dos primeiros senadores a se dirigir ao peemedebista e recomendar seu afastamento até que todas as irregularidades fossem apuradas. Acabou sendo relator do terceiro processo contra Renan no Conselho de Ética. E recomendou a cassação do colega por uso de laranjas para comprar emissoras de rádio em sociedade com o usineiro João Lyra.

Na iniciativa privada, se destacou como diretor administrativo da Companhia Siderúrgica da Amazônia (Siderama). No Plenário, fazia discursos curtos e extremamente objetivos. Era frio, extremamente racional. "Tinha um poder de síntese de poucos. Com cinco ou seis frases era capaz de dizer tudo o que eu nem com uma hora con-

seguia falar", afirmou o senador Pedro Simon (PMDB-RS), um dos mais próximos de Péres. "Ele não tinha amigo nem inimigo. Não tinha nem companheiro nem adversário. A vida dele era uma linha. Se a pessoa estava na linha ele era a favor. Se em determinado caso estava fora da linha, ele era contra".

Para Simon, Péres era a consciência crítica do Senado. "Era um bom amigo, um irmão, uma pessoa a quem eu muito estimava". Péres e Simon participavam juntos de um grupo de parlamentares de diferentes partidos que se reúne periodicamente para discutir problemas e assuntos de interesse nacional.

No seu último discurso, quarta-feira, pediu ação das autoridades brasileiras para cuidar melhor da Amazônia. "Não tenho tanto medo da cobiça internacional sobre a Amazônia. Tenho medo da cobiça nacional (...), que pode provocar o holocausto ecológico naquela região".